

Perfil de atividade física de escolares provenientes de diferentes redes de ensino e cidades do Rio Grande do Sul

Profile of physical activity in school from different cities and education networks of Rio Grande do Sul

CHEROBIN, I A; PALMA, M S. Perfil de atividade física de escolares provenientes de diferentes redes de ensino e cidades do Rio Grande do Sul. **R. bras. Ci. e Mov** 2014;22(4):77-87.

RESUMO: Este estudo teve por objetivo comparar os perfis de atividade física de escolares provenientes de diferentes redes de ensino de um grande e um pequeno centro urbano no estado do Rio Grande do Sul. Participaram da amostra 225 pais de crianças de 6 a 10 anos de idade, os quais responderam a um questionário em que foram contempladas questões sobre o tempo livre diário e os locais para as crianças brincarem, o deslocamento para ir à escola, as brincadeiras de motricidade ampla de que mais participavam bem como sua frequência, a participação em atividades físicas organizadas, além do número de horas que as crianças permaneciam, durante a semana e o fim de semana, em tarefas como computador, vídeo game, praticando esportes, brincando com amigos, assistindo televisão e lendo. Para a descrição do perfil de atividade física foi empregada a estatística descritiva e, nas comparações por escolas e por cidades, recorremos à estatística inferencial, adotando o teste Qui-quadrado. Embora, em alguns quesitos, tenhamos constatado que o fato de as crianças pertencerem à determinada rede de ensino (pública ou privada) e/ou residirem em centros urbanos de diferentes portes (Porto Alegre ou Erechim) tenha exercido influência sobre esses perfis, na maioria das respostas, verificamos similaridade entre eles. Assim, podemos concluir que os perfis de atividade física das crianças participantes deste estudo mostraram-se semelhantes.

Palavras-chave: Atividade Física; Criança; Escola.

ABSTRACT: This study aimed to compare the profile of physical activity of students from different educational networks of a large and also a small urban center in the state of Rio Grande do Sul. The study asked 225 parents of 6-10 years old children, who answered a questionnaire about the daily free time and places where children play, how they go to school, the games that require gross motor skills that they participated the most, as well as its frequency, the participation in organized physical activities, beyond the number of hours that children remained playing video-game, playing sports, playing with friends, watching television and reading during the week and weekend. To describe the physical activity profile, descriptive statistics was employed, and on the comparisons by schools and cities, we used inferential statistics, adopting the Chi-square test. Although in some questions we found that the fact that children belong to certain schools (public or private) and/or reside in urban centers of different sizes (Porto Alegre or Erechim) has exercised influence on these profiles, on most responses, we find similarity between them. Thus, we conclude that the profiles of physical activity of children participating in this study were similar.

Key Words: Physical Activity; Children; School.

Inaê Angélica Cherobin^{1,2}
Míriam Stock Palma¹

¹Universidade Federal do Rio Grande do Sul

²Hospital de Clínicas de Porto Alegre

Recebido: 13/01/2014
Aceito: 30/09/2014

Contato: Inaê Angélica Cherobin - ina_cherobin@yahoo.com.br

Introdução

A comunidade científica tem apontado, já há algum tempo, que a prática de atividade física (AF) exerce influência positiva sobre a saúde e o bem-estar dos indivíduos, sendo comparada aos cuidados de saúde primários, à alimentação e à prevenção de comportamentos e hábitos que possam acarretar riscos à saúde de crianças, jovens e adultos.

Dentre os muitos benefícios decorrentes da prática regular da AF estão a prevenção de doenças cardiovasculares, do diabetes, da hipertensão, da osteoporose, da obesidade, bem como de desordens emocionais, como a depressão, a ansiedade, o stress¹⁻⁴. O período mais favorável para a aquisição de hábitos de vida ativos é considerado a infância; à medida que as crianças são inseridas no mundo da AF (seja na escola, nos parques, nos centros comunitários, nos clubes, etc), elas aprendem mais sobre seus corpos - identificando suas possibilidades e seus limites -, experimentam novos movimentos e refinam os já adquiridos, tornando-se e sentindo-se cada vez mais competentes para participar das práticas corporais específicas de sua cultura, como o jogo, o esporte, a dança, as lutas, entre outras.

Assim, além da prevenção de fatores de risco para a saúde, a AF exerce impacto positivo sobre o desenvolvimento motor, cognitivo e psicossocial dos infantes. Nessa perspectiva, Biddle, Gorely e Stensel⁵ afirmam, a partir dos resultados de seu estudo, que a auto-estima, o humor, o funcionamento cognitivo e o bem-estar psicológico são afetados pela prática regular de AF. Ainda, Gallahue e Ozmun⁶ acreditam que a participação de crianças e jovens em atividades físicas divertidas e prazerosas permite-lhes a oportunidade de se expressarem, de desenvolverem a autoconfiança, a auto-realização e a integração social, levando-as a incorporarem um estilo de vida ativo.

A Sociedade Canadense de Fisiologia do Exercício (SCFE) sugere que crianças pratiquem pelo menos 60 minutos de atividade física por dia, contendo atividades de intensidade vigorosa e, no mínimo 3 vezes por semana, atividades que fortaleçam os músculos e ossos. Para a SCFE a atividade física abrange todos os tipos de

movimento do corpo, incluindo o exercício e formação fitness, esporte, jogo ativo e atividades da vida diária, independentemente da definição, finalidade ou intensidade da atividade praticada pela criança⁷.

Entretanto, estudos demonstraram que houve um aumento do comportamento sedentário já a partir da infância e da adolescência, em particular o baseado em televisão, computador e jogos de vídeo game. Este comportamento está relacionado desfavoravelmente à composição corporal, à auto-estima e ao desempenho acadêmico, além de estar associado ao aumento do comportamento anti-social, como agressões e distúrbio de comportamento^{8,9}.

Caspersen, Pereira e Curran¹⁰ constataram que é entre os 15 e os 18 anos que ocorre o maior risco de diminuição da AF. Van Mechelen *et al.*¹¹ consideram que os níveis de AF decrescem gradualmente dos 13 aos 16 anos em ambos os sexos e, de forma menos gradual, dos 16 aos 21 anos.

Também Vasconcelos e Maia³ encontraram no estudo de Sallis que o fenômeno mais acentuado de queda da AF se dá entre 13 e 18 anos e é maior nos meninos em comparação com as meninas. Para Telama e Yang¹², é a partir dos 12 anos que ocorre esse decréscimo marcante. Numa investigação levada a cabo por Sunnegardh *et al.*¹³, em quatro regiões da Suécia, verificou-se que as crianças mais novas eram mais ativas que as mais velhas e, em todos os grupos, os meninos eram mais ativos que as meninas.

Os autores citados acima tratam o declínio drástico da AF a partir da adolescência, porém Bailey apud Shephard¹⁴ já concluía em seu estudo de 1974 que o declínio da AF começa a acontecer tão cedo quanto a inserção na escola, por volta dos 5 ou 6 anos de idade, resultado coincidente com o de Lopes *et al.*¹⁵, que também indica os 6 anos como a idade do início desse declínio.

Vasconcelos e Maia³ demonstraram que as crianças não realizam, em suas vidas diárias, atividades físicas em quantidades e intensidades suficientes para promover efeitos benéficos sobre a saúde, ou seja, na

prevenção de fatores de risco e, com a falta de incentivo, acabam perdendo o prazer em praticá-las, o que acarreta uma maior taxa de sedentarismo.

Entendemos que, na atualidade, as crescentes taxas de sedentarismo infanto-juvenil sejam fruto dos constrangimentos sociais e culturais por que passam nossas crianças e jovens; as novas formas de moradia que confinam os sujeitos em espaços cada vez menores, a oferta e a segurança reduzidas das áreas ao ar livre para a realização de atividades físicas, a violência crescente especialmente nos grandes centros urbanos, o excesso de veículos motorizados nas vias públicas, bem como a vasta e crescente oferta de jogos virtuais são fatores que têm limitado e, por vezes, impedido que nossas crianças e jovens mantenham-se fisicamente ativos.

Nesta perspectiva, alguns estudos têm sido realizados visando constatar os perfis de AF de indivíduos em diferentes faixas etárias, de acordo com o sexo, residentes em zonas urbanas e rurais. Entretanto, não encontramos na literatura investigações que tratem da comparação de perfis de AF de crianças e jovens estudantes residentes em pequenos e grandes centros urbanos e nem de perfis de AF de estudantes de diferentes redes de ensino. Dessa forma, o objetivo desta pesquisa foi comparar os perfis de AF de escolares de 6 a 10 anos de idade, provenientes de quatro distintas realidades: rede pública de ensino da cidade de Porto Alegre/RS, rede privada de ensino da cidade de Porto Alegre/RS, rede pública de ensino da cidade de Erechim/RS e rede privada de ensino da cidade de Erechim/RS. Cabe destacar que Porto Alegre tem população aproximada de um milhão e meio de habitantes, enquanto que Erechim, de cem mil habitantes, ambas cidades localizadas no estado do Rio Grande do Sul (Brasil).

Materiais e Métodos

Amostra

Este estudo, de cunho descritivo e exploratório, com abordagem comparativa, teve como sujeitos 225 pais de crianças em idade escolar (151 da cidade de Erechim e 74 da cidade de Porto Alegre). As crianças tinham entre 6 e 10 anos de idade e estavam matriculadas em oito escolas

das cidades de Erechim e de Porto Alegre, sendo duas, em cada cidade, da Rede Municipal de Ensino e duas da Rede Privada. As escolas foram definidas por conveniência.

Instrumento

O instrumento utilizado foi um questionário, elaborado com base nos questionários *Engajamento em Atividades Infantis*, de Serrano e Neto¹⁶, e *Inquérito para determinar o Estilo de Vida e a Atividade Física Habitual* (EVIA), de Sobral¹⁷. Dessa forma, em nosso instrumento foram contempladas questões sobre o tempo livre diário e os locais para as crianças brincarem, o deslocamento para irem à escola, as brincadeiras de motricidade ampla de que mais participavam bem como sua frequência, a participação em atividades físicas organizadas, bem como o número de horas que as crianças permaneciam, durante a semana e o fim de semana, em tarefas como computador, vídeo game, praticando esportes, brincando com amigos, assistindo televisão e lendo.

Procedimentos éticos e de coleta das informações

Esta investigação foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob nº 21685. Realizados os contatos com Escolas das Redes Municipal e Privada de Ensino das cidades de Erechim e de Porto Alegre, as direções das instituições assinaram o Termo de Consentimento Institucional; após, foram enviados aos pais das crianças participantes do estudo o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido pelos Responsáveis Legais da Criança e o questionário para que o assinassem e o preenchessem respectivamente.

Análise estatística

Para a análise estatística dos dados foi utilizado o programa Statistical Package for the Social Sciences (SPSS), versão 18.0. Para a descrição do Perfil de Atividade Física foi empregada a estatística descritiva, apresentando os valores absolutos e percentuais relativos, por se tratarem de escalas categóricas e ordinais. Nas comparações por escolas e por cidades, recorremos à estatística inferencial, adotando o teste Qui-quadrado.

Resultados e Discussão

Tempo livre diário para brincar

O primeiro tópico abordado no instrumento utilizado foi o tempo livre que as crianças possuem diariamente para brincar. Os resultados desta questão nos indicam que grande parte delas (em todas as escolas) tem, em média, mais do que 3 horas diárias para brincar. Não foram encontradas associações entre o tempo diário que as crianças têm para brincar e o fato de elas residirem em determinada cidade ou frequentarem escolas de redes de ensino diferentes.

Esses achados são semelhantes aos apresentados por Brauner¹⁸, que utilizou o questionário de Serrano e

Neto¹⁶, em dois períodos de seu estudo, pré e pós-teste. A autora investigou o impacto da participação de crianças em um projeto social esportivo sobre a rotina de atividades infantis dos participantes e, como resultado, obteve a média de 3 horas como tempo diário para brincar em seu pré e pós-teste. Nossos resultados também convergem com os apresentados por Berleze e Haeffner¹⁹; as autoras investigaram a rotina de crianças obesas, de acordo com o nível socioeconômico e a região em que residiam na cidade de Santa Maria/RS, e também obtiveram como resultado a média de tempo de 3 horas para brincar.

Tabela 1. Tempo livre diário para brincar

	De 1h a 2h	De 2h a 3h	Mais de 3h	Teste Exato de Fisher (p)
Privada Erechim	12,2%	45,9%	41,9%	0,551
Privada Porto Alegre	15,8%	34,2%	50,0%	
Pública Erechim	18,9%	36,5%	44,6%	
Pública Porto Alegre	9,4%	31,3%	59,4%	

Acreditamos que os resultados encontrados possam estar relacionados com o tempo em que as crianças de nosso estudo permanecem na escola (um turno), dando-lhes a possibilidade de brincarem livremente por mais de três horas no turno inverso ao da escola. Muitos são os autores que têm destacado a importância do brincar forma livre para o desenvolvimento e as aprendizagens das crianças²⁰⁻²⁴.

Deslocamento da criança para ir à escola

Foi encontrada associação entre o deslocamento das crianças para irem à escola e a rede de ensino à qual pertencem. É possível observar na tabela 2 que as escolas privadas das duas cidades associam-se ao transporte motorizado (como automóvel, ônibus e transporte escolar), enquanto que as públicas, ao não motorizado (por exemplo, a pé e de bicicleta).

Tabela 2. Deslocamento da criança para ir à escola

	Transporte Motorizado	Transporte não motorizado	Ambos	Teste Exato de Fisher (p)
Privada Erechim	89,2%*	9,5%	1,4%	0,000
Privada Porto Alegre	92,1%*	2,6%	5,3%	
Pública Erechim	32,9%	67,1%*	,0%	
Pública Porto Alegre	17,6%	79,4%*	2,9%	

* Associação ($p \leq 0,05$)

Podemos inferir que esta diferença entre as redes de ensino possa se dar pelo quesito econômico, pois se supõe que crianças estudantes da rede privada de ensino, via de regra, possuem nível econômico mais alto, deslocando-se através de meio de transporte motorizado devido à maior facilidade para a aquisição de automóvel e/ou pagamento de transporte escolar, enquanto crianças estudantes da rede pública de ensino, de forma geral,

possuem um nível econômico mais baixo, deslocando-se através de meio de transporte não motorizado.

Malho²⁵ afirma que a vida das crianças vem sofrendo grandes mudanças ao longo do tempo, impedindo que elas compreendam a cidade como seu habitat natural. Ao referir-se à independência de mobilidade, ou seja, à capacidade de autonomia que as crianças devem adquirir, o autor concluiu em sua pesquisa

que elas andam pouco a pé; mesmo aquelas que moram próximas da escola, deslocam-se por meio de automóvel.

Nessa mesma direção, Neto e Malho²⁶ concordam que, para que a criança adquira independência de mobilidade, ela precisa participar da vida da cidade, transitar por ela, frequentar locais públicos que lhe dêem segurança e autonomia. Infelizmente, observamos nos dias atuais que as crianças, especialmente as que moram nos grandes centros urbanos, têm sido privadas dessas experiências importantes, como deslocar-se a pé, correr pelos parques, brincar na rua, o que afeta negativamente o seu desenvolvimento.

Tabela 3. Locais destinados para brincar

	Espaços restritos	Espaços amplos	Espaços amplos e restritos	Teste Exato de Fisher (p)
Privada Erechim	21,6%*	,0%	78,4%	0,000
Privada Porto Alegre	24,3%	,0%	75,7%	
Pública Erechim	3,8%	11,4%*	84,8%	
Pública Porto Alegre	14,7%	2,9%	82,4%	

* Associação ($p \leq 0,05$)

É sobejamente documentado na literatura que os espaços restritos limitam a movimentação da criança, fazendo com que ela não realize – ou realize insuficientemente – movimentos amplos e, por consequência, acabe praticando apenas atividades sedentárias^{24, 27, 28}.

Um estudo levado a cabo por Neto *et al.*²⁹ investigou as variáveis ambientais que podem interferir no desempenho motor de crianças de 6 e 7 anos. Dentre os resultados, constataram que a maior parte das crianças tem como espaço para brincar a casa e o apartamento. Segundo os autores, esse é um reflexo da nossa vida atual, em que as crianças não brincam mais livremente nas ruas e parques devido à falta de segurança. Os autores afirmam ainda que, seja qual for o ambiente destinado à criança brincar, ele deve estar voltado para que ela tenha o seu desenvolvimento motor adequado.

Nessa mesma linha, Toigo³⁰ declara que a falta de espaços livres para as crianças brincarem acaba por levá-las a outras formas de entretenimento e lazer, como assistir televisão e utilizar o computador, hábitos que as tornam cada vez mais sedentárias.

Locais destinados para brincar

Outro fator relacionado ao perfil de atividade física verificado neste trabalho foram os locais onde as crianças brincam diariamente. Foi encontrada associação entre essa variável e as redes de ensino na cidade de Erechim: enquanto que as escolas públicas desta cidade se associam a espaços amplos (pátio, rua e parques) para brincar, as escolas privadas da mesma cidade se associam a espaços restritos (dentro de casa e do apartamento). Na cidade de Porto Alegre, não foi encontrada associação entre os espaços para brincar e o fato de ser aluno de escolas públicas ou privadas.

Brincadeiras de motricidade ampla praticadas pelas crianças e sua frequência

Na questão que verificava as brincadeiras de motricidade ampla praticadas pelas crianças e a frequência com que eram realizadas não foram constatadas diferenças significativas entre os grupos, ou seja, o fato de elas residirem em determinada cidade ou frequentarem escolas de redes de ensino diferentes não determinou diferenças quanto ao tipo de brincadeiras praticadas. O que podemos verificar é que a grande maioria das crianças das duas redes de ensino das duas cidades participava de mais de duas das brincadeiras que estavam como opção no questionário (pegador, jogos com bola, pular corda, dança e andar de bicicleta).

Também não foram encontradas associações entre a frequência com que as crianças participam dessas brincadeiras e as redes de ensino onde estudam nem relativamente às cidades onde residem. Os dados da tabela abaixo indicam que a maior parte dos estudantes participa dessas atividades, em média, duas a três vezes por semana.

As brincadeiras presentes no questionário eram de movimentação ampla, nas quais as crianças precisam de um ambiente que proporcione esta prática. É nosso

entendimento que estudantes na faixa etária de nosso estudo (seis a dez anos de idade) deveriam ter à disposição espaço e tempo diários para experienciar seu corpo em atividades vigorosas para, quem sabe,

incorporar e manter um estilo de vida ativo. Acreditamos que a realização dessas atividades com frequência de 2 a 3 vezes por semana seja insuficiente para desenvolver nos infantes todo o seu potencial.

Tabela 4. Brincadeiras de motricidade ampla mais praticadas pelas crianças

	Pegador	Jogos com bola	Pular corda	Dança	Andar de bicicleta	Mais de 2 brincadeiras anteriores	Outros	Teste Exato de Fisher (p)
Privada Erechim	1,4%	9,5%	0,0%	0,0%	2,7%	86,5%	0,0%	0,617
Privada P. Alegre	0,0%	14,3%	0,0%	0,0%	0,0%	85,7%	0,0%	
Pública Erechim	2,7%	10,7%	2,7%	1,3%	4,0%	77,3%	1,3%	
Pública P. Alegre	5,9%	14,7%	2,9%	2,9%	5,9%	67,6%	0,0%	

Tabela 5. Frequência com que as crianças brincam dessas atividades

	Todos os dias	2 a 3 vezes por semana	Teste Exato de Fisher (p)
Privada Erechim	22,2%	77,8%	0,194
Privada Porto Alegre	20,0%	80,0%	
Pública Erechim	32,4%	67,6%	
Pública Porto Alegre	13,3%	86,7%	

Participação das crianças em atividades físicas organizadas

Os resultados obtidos no quesito participação das crianças em atividades físicas organizadas apontam para uma associação entre as atividades realizadas na aula de Educação Física e também fora dela e as escolas da rede privada de ensino, tanto de Erechim (39,7%) quanto de Porto Alegre (44,7%).

Embora estatisticamente não tenha sido constatada associação entre as atividades realizadas na aula de Educação Física e as escolas da rede pública de ensino, observa-se que, para a maioria das crianças matriculadas nessa rede, a única oportunidade de participação em atividades físicas organizadas está nas aulas de Educação Física, tanto em Erechim (66,2%), quanto em Porto Alegre (72,7%).

Tabela 6. Participação das crianças em atividades físicas organizadas

	Na aula de Ed. Física	Fora da aula de Ed. Física	Não participa	Na aula de Ed. Física e também fora	Teste Exato de Fisher (p)
Privada Erechim	53,4%	1,4%	5,5%	39,7%*	0,000
Privada Porto Alegre	42,1%	10,5%	2,6%	44,7%*	
Pública Erechim	66,2%	8,5%	11,3%	14,1%	
Pública Porto Alegre	72,7%	9,1%	12,1%	6,1%	

* Associação ($p \leq 0,05$)

Analisando a realidade atual em nosso estado, acreditamos que esses resultados possam ser fruto da condição econômica da população escolar das redes pública e privada de ensino. Ainda que os projetos de

cunho social estejam em expansão em todo o país, eles ainda são insuficientes para atender um grande número de crianças que se encontram em idade escolar¹⁸. Consequentemente, muitos desses escolares acabam por

participar de atividades físicas de forma sistemática apenas na educação física escolar; diferentemente, estudantes de escolas da rede privada, por terem, via de regra, uma condição econômica mais elevada, acabam por usufruir da atividade física não somente na escola, mas em clubes, associações, escolinhas esportivas, etc.

Fonseca, Beltrame e Tkac³¹, que investigaram o perfil de atividade física de 40 crianças de uma escola privada da cidade de Curitiba/PR, encontraram que a grande maioria de seus entrevistados participava de alguma atividade organizada além da educação física

escolar, como natação, judô, *ballet* e futebol. Apenas 6,5% das crianças não praticavam nenhuma atividade física orientada fora do período escolar. Esses dados se assemelham aos encontrados em nosso estudo.

Número de horas em cada atividade – durante a semana

Nesta questão verificamos o número de horas diárias em que as crianças permanecem, durante a semana, nas seguintes atividades: computador/internet, vídeo game, praticar esportes, brincar com amigos, assistir televisão e ler.

Tabela 7. Tempo diário em que as crianças permanecem em diferentes atividades durante a semana

Durante a semana						
Tempo diário no computador/internet						Teste Exato de Fisher (p)
	1 h	2 h	3 h	4 h	Mais de 4 h	
Privada Erechim	88,2%	11,8%	0,0%	0,0%	0,0%	0,219
Privada Porto Alegre	70,8%	20,8%	4,2%	4,2%	0,0%	
Pública Erechim	60,0%	30,0%	10,0%	0,0%	0,0%	
Pública Porto Alegre	64,3%	28,6%	7,1%	0,0%	0,0%	
Tempo diário no vídeo game						Teste Exato de Fisher (p)
	1 h	2 h	3 h	4 h	Mais de 4 h	
Privada Erechim	75,0%	12,5%	12,5%	0,0%	0,0%	0,561
Privada Porto Alegre	76,9%	25,4%	7,7%	0,0%	0,0%	
Pública Erechim	58,3%	25,0%	8,3%	8,3%	0,0%	
Pública Porto Alegre	33,3%	33,3%	16,7%	16,7%	0,0%	
Tempo diário praticando esportes						Teste Exato de Fisher (p)
	1 h	2 h	3 h	4 h	Mais de 4 h	
Privada Erechim	64,4%*	24,4%	0,0%	2,2%	8,9%	0,003
Privada Porto Alegre	40,9%	50,0%	4,5%	4,5%	0,0%	
Pública Erechim	30,0%	50,0%	20,0%*	0,0%	0,0%	
Pública Porto Alegre	14,3%	71,4%	0,0%	14,3%	0,0%	
Tempo diário brincando com os amigos						Teste Exato de Fisher (p)
	1 h	2 h	3 h	4 h	Mais de 4 h	
Privada Erechim	58,5%	22,0%	14,6%	2,4%	2,4%	0,373
Privada Porto Alegre	33,3%	37,5%	16,7%	8,3%	4,2%	
Pública Erechim	34,4%	28,1%	25,0%	6,3%	6,3%	
Pública Porto Alegre	30,8%	30,8%	15,4%	23,1%	0,0%	
Tempo diário assistindo televisão						Teste Exato de Fisher (p)
	1 h	2 h	3 h	4 h	Mais de 4 h	
Privada Erechim	24,1%	43,1%	17,2%	8,6%	6,9%	0,908
Privada Porto Alegre	28,6%	42,9%	14,3%	10,7%	3,6%	
Pública Erechim	25,0%	38,9%	11,1%	11,1%	13,9%	
Pública Porto Alegre	18,8%	31,3%	12,5%	18,8%	18,8%	
Tempo diário lendo						

	1 h	2 h	3 h	4 h	Mais de 4 h	Teste Exato de Fisher (p)
Privada Erechim	80,0%	8,9%	11,1%	0,0%	0,0%	0,239
Privada Porto Alegre	87,0%	8,7%	0,0%	4,3%	0,0%	
Pública Erechim	87,0%	0,0%	4,3%	4,3%	4,3%	
Pública Porto Alegre	83,3%	8,3%	0,0%	0,0%	8,3%	

* Associação ($p \leq 0,05$)

Os resultados apresentados na tabela 7 indicam que não houve associação entre as variáveis computador/internet, vídeo game, brincar com amigos, assistir televisão, ler e as redes pública e privada de ensino das cidades de Porto Alegre e Erechim. Contrariamente, foi encontrada associação tanto entre a prática de esportes e a rede pública da cidade de Erechim (3h), quanto entre a prática de esportes e a rede privada da mesma cidade (1h).

Número de horas em cada atividade – durante o fim de semana

Nesta questão verificamos o número de horas em que as crianças permanecem diariamente, durante o fim de semana, nas seguintes atividades: computador/internet, vídeo game, praticar esportes, brincar com amigos, assistir televisão e ler.

Tabela 8. Tempo diário em que as crianças permanecem em diferentes atividades durante o fim de semana
Durante o fim de semana

Tempo diário no computador/internet						Teste Exato de Fisher (p)
	1 h	2 h	3 h	4 h	Mais de 4 h	
Privada Erechim	53,8%	38,5%	7,7%	0,0%	0,0%	0,018
Privada Porto Alegre	52,6%	26,3%	0,0%	5,3%	15,8%*	
Pública Erechim	42,9%	28,6%	14,3%	0,0%	14,3%	
Pública Porto Alegre	14,3%	42,9%	42,9%*	0,0%	0,0%	
Tempo diário no vídeo game						Teste Exato de Fisher (p)
	1 h	2 h	3 h	4 h	Mais de 4 h	
Privada Erechim	38,1%	33,3%	19,0%	4,8%	4,8%	0,247
Privada Porto Alegre	50,0%	8,3%	16,7%	16,7%	8,3%	
Pública Erechim	10,0%	40,0%	40,0%	10,0%	0,0%	
Pública Porto Alegre	37,5%	25,0%	0,0%	12,5%	25,0%	
Tempo diário praticando esportes						Teste Exato de Fisher (p)
	1 h	2 h	3 h	4 h	Mais de 4 h	
Privada Erechim	31,4%	40,0%	20,0%	8,6%	0,0%	0,024
Privada Porto Alegre	26,7%	6,7%	33,3%	20,0%	13,3%	
Pública Erechim	13,3%	53,3%	20,0%	6,7%	6,7%	
Pública Porto Alegre	0,0%	14,3%	42,9%	14,3%	28,6%*	
Tempo diário brincando com amigos						Teste Exato de Fisher (p)
	1 h	2 h	3 h	4 h	Mais de 4 h	
Privada Erechim	14,6%	22,9%	33,3%	10,4%	18,8%	0,004
Privada Porto Alegre	7,4%	14,8%	7,4%	48,1%*	22,2%	
Pública Erechim	12,0%	16,0%	48,0%*	8,0%	16,0%	
Pública Porto Alegre	23,1%	7,7%	7,7%	23,1%	38,5%	
Tempo diário assistindo televisão						Teste Exato de Fisher (p)
	1 h	2 h	3 h	4 h	Mais de 4 h	
Privada Erechim	16,7%	25,0%	25,0%	16,7%	16,7%	0,365

Privada Porto Alegre	19,0%	38,1%	19,0%	9,5%	14,3%
Pública Erechim	37,5%	29,2%	25,0%	0,0%	8,3%
Pública Porto Alegre	8,3%	58,3%	16,7%	8,3%	8,3%

Tempo diário lendo						Teste Exato de Fisher (p)
	1 h	2 h	3 h	4 h	Mais de 4 h	
Privada Erechim	65,7%	28,6%	5,7%	0,0%	0,0%	0,715
Privada Porto Alegre	78,6%	14,3%	0,0%	7,1%	0,0%	
Pública Erechim	75,0%	25,0%	0,0%	0,0%	0,0%	
Pública Porto Alegre	60,0%	40,0%	0,0%	0,0%	0,0%	

* Associação ($p \leq 0,05$)

Os resultados apontados na tabela acima indicam que não houve associação entre as variáveis vídeo game, assistir televisão, ler e as redes pública e privada de ensino das cidades de Porto Alegre e Erechim. Entretanto, foram encontradas associações entre (a) o tempo no computador/internet e a rede pública de ensino de Porto Alegre (3h) bem como o tempo no computador/internet e a rede privada de ensino da mesma cidade (mais de 4h); (b) a prática de esportes e a rede pública de ensino de Porto Alegre (mais de 4h) e (c) brincar com amigos e a rede pública de ensino de Erechim (3h) bem como entre brincar com amigos e a rede privada de Porto Alegre (4h).

À primeira vista, os resultados relativos ao tempo que os estudantes permanecem diariamente em frente ao computador nos finais de semana indicam uma tendência de as crianças residentes em Porto Alegre (grande centro urbano) apresentarem um comportamento mais sedentário, se comparadas aos estudantes de Erechim (pequeno centro urbano). Entretanto, os pertencentes à rede pública de Porto Alegre praticam esporte em elevada carga horária durante o sábado e o domingo, o que nos faz refletir sobre o equilíbrio que podem estar estabelecendo entre atividades sedentárias e esportivas.

Apresentamos, assim, um conjunto de fatores relacionados à atividade física cotidiana de crianças, os quais nos permitem fazer algumas reflexões a partir dos resultados obtidos.

Conclusões

O objetivo desta pesquisa foi comparar os perfis de atividade física de escolares de 6 a 10 anos de idade, provenientes de quatro distintas realidades: rede pública de ensino da cidade de Porto Alegre/RS, rede privada de ensino da cidade de Porto Alegre/RS, rede pública de

ensino da cidade de Erechim/RS e rede privada de ensino da cidade de Erechim/RS.

Por meio de um questionário obtivemos as respostas de 225 pais de crianças e, através desse instrumento, pudemos comparar os perfis de AF das mesmas. Embora, em alguns quesitos, tenhamos constatado que o fato de elas pertencerem à determinada rede de ensino (pública ou privada) e/ou residirem em certa cidade (Porto Alegre ou Erechim) tenha exercido influência sobre esses perfis, na maioria das respostas, verificamos similaridade entre eles.

E ainda, considerando alguns dos quesitos em que houve associações, refletimos que se, por um lado, os escolares da rede pública de Porto Alegre e de Erechim podem ser considerados mais ativos do que os da rede privada dessas cidades, porque o deslocamento dos primeiros se dá através de transporte não motorizado e o dos últimos, através de transporte motorizado, por outro lado, no que se refere à participação das crianças em atividades físicas organizadas, temos que a maioria dos primeiros pratica essas atividades apenas na escola, enquanto que boa parte dos últimos, na escola e também fora dela, o que nos leva a acreditar que estes sejam mais ativos fisicamente do que aqueles. Observaram-se, assim, compensações, quando analisados os resultados de alguns fatores contemplados no questionário.

Assim, podemos concluir que os perfis de AF das crianças participantes deste estudo mostraram-se bastante semelhantes. Ao finalizarmos, chamamos a atenção das escolas e das famílias, dos professores e dos pais sobre a importância de serem oferecidas às nossas crianças e jovens oportunidades de desenvolverem hábitos de vida ativos, tendo em vista os inúmeros benefícios destacados na literatura e nos diversos estudos empíricos sobre o

tema. Sugerimos que novas pesquisas possam investigar a influência das variáveis estudadas nesta pesquisa sobre o perfil de AF de crianças e jovens brasileiros, bem como o impacto do nível socioeconômico, do gênero e dos diferentes contextos regionais sobre os níveis de atividade física infanto-juvenil.

Referências

- 1 - Booth F, Gordon S, Carlson C, Hamilton M. Waging war on modern chronic diseases: primary prevention through exercise biology. *J Appl Physiol*. 2000; 88(2): 774-787.
- 2 - Lopes V, Monteiro A, Barbosa T, Magalhães P, Maia J. Atividade física habitual em crianças: diferenças entre rapazes e raparigas. *Rev. Port. Ciênc. Desporto*. 2001; 1(3): 53-60.
- 3 - Vasconcelos M, Maia J. Atividade física de crianças e jovens: haverá um declínio? Estudo transversal em indivíduos dos dois sexos dos 10 aos 19 anos de idade. *Rev. Port. Ciênc. Desporto*. 2001; 1(3): 44-52.
- 4 - Jones R, Riethmuller A, Hesketh K, Trezise J, Batterham M, Okely A. Promoting fundamental movement skill development and physical activity in early childhood settings: a cluster randomized controlled trial. *Pediatr. Exerc. Sci*. 2011; 23(4): 600-615.
- 5 - Biddle S, Gorely T, Stensel D. Health-enhancing physical activity and sedentary behaviour in children and adolescents. *J Sports Sci*. 2004; 22(8): 679-701.
- 6 - Gallahue D, Ozmun J. Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos. 3. ed. São Paulo: Phorte, 2005.
- 7- Longmuir P, Colley R, Wherley V, Tremblay M. Canadian Society for Exercise Physiology position stand: Benefit and risk for promoting childhood physical activity. *Appl. Physiol. Nutr. Metab*. 2014; 39: 1-9.
- 8 - Tremblay M, LeBlanc A, Kho M, Saunders T, Larouche R, Colley R. Systematic review of sedentary behavior and health indicators in school-aged children and youth. *Int. J. Behav. Nutr. Phys. Act*. 2011; 8:98.
- 9 - Sardinha L, Andersen L, Anderssen S, Quiterio A, Ornelas R, Froberg K. Objectively measured time spent sedentary is associated with insulin resistance independent of overall and central body fat in 9-to 10-year-old Portuguese children. *Diabetes Care*. 2008; 31(3): 569-575.
- 10 - Caspersen C, Pereira M, Curran K. Changes in physical activity patterns in the United States, by sex and cross-sectional age. *Med Sci Sports Exerc*. 2000; 32(9): 1601-1609.
- 11 - Van Mechelen W, Twisk J, Post G, Snel J, Kemper H. Physical activity of young people: the Amsterdam Longitudinal Growth and Health Study. *Med Sci Sports Exerc*. 2000; 32(9): 1610-1616.
- 12 - Telama R, Yang X. Decline of physical activity from youth to young adulthood in Finland. *Med Sci Sports Exerc*. 2000; 32(9): 1617-1622.
- 13 - Sunnegårdh J, Bratteby L, Hagman U, Samuelson G, Sjolin S. Physical Activity in Relation to Energy Intake and Body Fat in 8- and 13-Year-Old Children in Sweden. *Acta Paediatr*. 1986; 75(6): 955-963.
- 14 - Shephard R. Custos e benefícios dos exercícios físicos na criança. *Rev Bras Ativ Fís e Saúde*. 1995; 1(1): 66-84.
- 15 - Lopes V, Vasques C, Pereira B, Maia J, Malina R. Physical activity patterns during school recess: a study in children 6 to 10 years old. *Int Electron J Health Educ*. 2006; (9): 192-201.
- 16 - Serrano J, Neto C. As rotinas de vida diária das crianças com idades compreendidas entre 7 e 10 anos no meio rural e urbano. In: NETO, C. (Ed). *O Jogo e o Desenvolvimento da Criança*. Lisboa: Edições FMH, 1997. p. 207-226,
- 17 - Sobral F. O estilo de vida e a atividade física habitual. In: FACDEX. *Desenvolvimento somatomotor e fatores de excelência desportiva na população escolar portuguesa*. Lisboa: Ministério da Educação, 1992; 14(4):39-49.
- 18 - Brauner L. Projeto Social Esportivo: impacto no desempenho motor, na percepção de competência e na rotina de atividades infantis dos participantes. Dissertação de Mestrado em Ciências do Movimento Humano. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.
- 19 - Berleze A, Haefner L. Rotina de Atividades Infantis de Crianças Obesas no Contexto Familiar e Escolar. *Cinergis*. 2002; 3(2): 99-110.
- 20 - Brougère G. *Jogo e educação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- 21 - Kishimoto T. O jogo e a educação infantil. In: KISHIMOTO, T. *Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação*. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2005. p.13-43.
- 22 - Fortuna T. Papel do brincar: aspectos relevantes a considerar no trabalho lúdico. *Rev Professor*. 2002; 18(71): 9-14.
- 23 - Smith P. O brincar e os usos do brincar. In: MOYLES, J. *A excelência do brincar*. Porto Alegre: Artmed, 2006. p.25-38.
- 24 - Palma M. O desenvolvimento de habilidades motoras e o engajamento de crianças pré-escolares em diferentes contextos de jogo. Tese de Doutorado em Estudos da Criança. Universidade do Minho, Braga, 2008.
- 25 - Malho M. A criança e a cidade. Independência de mobilidade e representações sobre o espaço urbano. *Actas dos ateliers do V Congresso Português de Sociologia*, 2003.
- 26 - Neto C, Malho M. Espaço urbano e a independência de mobilidade na infância. *Bol. IAC* 2004; (73): 1-4.
- 27 - Gallahue D, Donnelly F. *Educação Física Desenvolvimentista para crianças*. São Paulo: Phorte, 2007.
- 28 - Sanders S. *Ativo para a vida: programas de movimento adequados ao desenvolvimento da criança*. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- 29 - Neto AS, Mascarenhas LPG, Nunes GF, Lepre C, Campos W. Relação entre fatores ambientais e habilidades motoras básicas em crianças de 6 e 7 anos. *Rev. Mackenzie Educ. Fis. Esporte*. 2004; 3(3): 135-140.
- 30 - Toigo AM. Níveis de atividade física na educação física escolar e durante o tempo livre em crianças e adolescentes. *Rev. Mackenzie Educ. Fis. Esporte*. 2007; 6(1): 45-46.
- 31 - Fonseca F, Beltrame T, Tkac C. Relação entre o nível de desenvolvimento motor e variáveis do contexto de desenvolvimento de crianças. *Rev. Educ. Fis. UEM*. 2008; 19(2): 183-194.